



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA

RUTH DANTAS DE MEDEIROS

A PRÁTICA DO *FEEDBACK* NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UM POSSÍVEL
INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO

Campina Grande – PB
2016

RUTH DANTAS DE MEDEIROS

A PRÁTICA DO *FEEDBACK* NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UM POSSÍVEL
INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Nathalia Leite de Queiroz Sátiro.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488p Medeiros, Ruth Dantas de
A prática do feedback nas aulas de língua inglesa [manuscrito]
: um possível instrumento de motivação / Ruth Dantas de
Medeiros. - 2016.
33 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2016.
"Orientação: Profa. Ma. Nahalia Leite de Queiroz Sátiro,
Departamento de Letras e Artes".

1.Feedback. 2.Motivação. 3.Língua inglesa. 4.Ferramenta
motivacional. I. Título.

21. ed. CDD 372.65

RUTH DANTAS DE MEDEIROS

A PRÁTICA DO *FEEDBACK* NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UM POSSÍVEL
INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras e Artes da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras – Língua Inglesa.

Aprovado em: 18/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Nathalia Leite de Queiroz Sátiro Nota: 8,5

Prof.ª Ma. Nathalia Leite de Queiroz Sátiro (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Técio Oliveira Macedo Nota: 8,5

Prof. Me. Técio Oliveira Macedo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Celso Nota: 8,5

Prof. Me. Celso José de Lima Júnior

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota Final: 8,5

Ao meu anjo mais velho, por toda força, fé
e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e por todas as oportunidades para que eu pudesse exercer minha fé, paciência e, acima de tudo, o amor. Aos meus pais, Maria José Dantas (*in memoriam*) e Ronnie Rogério B. de Medeiros, por todos os ensinamentos sobre coragem, humildade, perseverança e dedicação. À minha irmã, por toda paciência e companheirismo, pelas vezes que me abraçou, tomando o meu lugar de irmã mais velha para me apoiar quando precisei.

Às minhas tias Solange, Selma e Guia, por todo suporte e carinho durante todos os momentos da minha vida, e em especial aos meus primos, Balduino Júnior, Ana Lívia e José Arthur, por me inspirarem durante toda minha vida acadêmica. Agradeço ainda à minha família “Vitalinos”, por todo carinho e amparo.

À minha orientadora, Nathalia Sátiro, por ter acreditado em mim, pelo seu “sim” em um momento tão movimentado de sua vida, me apoiou e teve a paciência para me orientar quando mais precisei. Meu muito obrigada por ter confiado em mim!

Aos meus amigos, em especial meus companheiros de turma, Klívia, Anderson, Joálisson e Rodrigo, os “Azilados”, por todas as horas de discussão, brigas e, claro, todos os momentos de boas risadas para amenizar as pressões de fins de períodos. Sem vocês, esses anos não teriam valido tanto a pena. Deus abençoe grandemente a vida de cada um!

Por último, mas muito importante ao companheiro e amigo que a vida me presenteou, Júnior Lira, por todo carinho e compreensão durante esse processo cheio de inseguranças e expectativas. Agradeço as vezes que me ofereceu seu colo para que afogasse minhas angústias e medos, e também para partilhar alegrias e conquistas.

“Palavras são, na minha não tão humilde
opinião, nossa inesgotável fonte de magia.
Capazes de ferir e de curar” (J. K.
Rowling).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Escada de <i>Feedback</i>	20
Figura 2: <i>Feedback</i> sanduiche	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1. TEORIAS DE ENSINO E O ERRO: PRIMÓRDIOS DO <i>FEEDBACK</i> , DO BEHAVIORISMO AO INTERACIONISMO	12
1.2. ENTENDENDO O <i>FEEDBACK</i>	15
1.2.1. TIPOS DE <i>FEEDBACK</i>	17
1.2.2. MODELOS DE <i>FEEDBACK</i>	19
2. <i>FEEDBACK</i> COMO FERRAMENTA MOTIVACIONAL	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

A PRÁTICA DO *FEEDBACK* NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UM INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO

Ruth Dantas de Medeiros¹

RESUMO

Tendo em mente as dificuldades enfrentadas pelos professores de língua estrangeira em relação à motivação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o conceito de *Feedback*, sob as visões de alguns teóricos como Mory (2004), Willians (2005), Zeferino, Domingues e Amaral (2007), entre outros, tal como algumas tipologias e modelos presentes na literatura acerca desse tema. Entende-se, então, que a prática e habilidade de fornecer *Feedback* pode melhorar os resultados do processo de aprendizagem, uma vez que incentiva o exercício da reflexão por parte dos alunos acerca de seus comportamentos e produções. Além disso, pretende-se criar uma ponte reflexiva entre a prática do *Feedback* e a motivação dos alunos nas aulas de língua estrangeira, em especial a Língua Inglesa. Para isso, é preciso entender também a noção de motivação e como esta é dividida, para isso, reflete-se sobre as concepções de Harmer (1985), Bock (2008) e outros. Através de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativa, visto que se trata de um estudo acerca do comportamento humano, conclui-se que o *Feedback*, quando aplicado de maneira adequada à realidade dos alunos, pode ser transformado em ferramenta motivacional eficiente.

Palavras-chave: *Feedback*; Motivação; Língua Inglesa; Ferramenta motivacional.

INTRODUÇÃO

Diversas são as dificuldades encontradas pelos professores de Língua Inglesa (doravante LI) durante suas aulas quanto à questão da motivação de seus alunos. São perceptíveis as tentativas da maioria desses professores para que haja um incentivo e um interesse maior por parte dos estudantes para que se sintam mais estimulados com o aprendizado de uma nova língua. Mas, alguns fatores prejudicam este estímulo, sejam eles por parte da organização das escolas regulares, sejam pela quantidade de alunos em sala de aula ou até mesmo o cansaço do próprio docente.

Nas escolas regulares, o ensino de LI é visto como falho nas literaturas, já que a língua estrangeira (doravante LE) possui um baixo status na grade curricular, além do ambiente da sala de aula nem sempre ser adequado para a aprendizagem, a heterogeneidade das turmas numerosas, a falta de recursos didáticos e a desvalorização dos professores (WALKER, 2003; PERIN, 2005). Esse torna-se um cenário

¹Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras - Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: ruthdantasm@hotmail.com

desfavorável para o processo de aprendizagem e que, muitas vezes, leva a situações de conflitos entre professores e alunos, uma vez que estes não veem sentido nas aulas de LI, gerando assim antipatia e indisciplina durante as aulas.

Apesar dos fatores negativos em relação às tentativas dos professores de incentivarem seus alunos, há práticas desenvolvidas para que esses estímulos aconteçam, os docentes recorrem às suas criatividade para elaborar aulas mais dinâmicas e diferenciadas, seja com atrativos visuais, auditivos ou o que estiver ao alcance para que a interação entre aluno e professor em sala flua e siga de maneira produtiva. Diante disso, a importância de se buscar meios para que haja uma motivação maior e mais efetiva dos alunos nas aulas de LI se torna constante nas vidas dos professores e a busca por esses meios cada vez mais frequentes.

Uma técnica que, quando aplicada de maneira efetiva, levando-se em conta as oportunidades e a maneira de falar, colabora para a motivação dos alunos, é a prática do *Feedback* (FLORES, 2009; ABREU-E-LIMA E ALVES, 2011). Esta prática consiste em avaliar o aluno de uma maneira que o leve a pensar em como seus comportamentos e ações influenciam em seu aprendizado e como ele pode transformar esses comportamentos em produtividade.

Na Enciclopédia Encarta (2007) é apresentado o termo *Feedback* como comentários em forma de opinião sobre as reações de algo, uma maneira de prover informações úteis para futuras decisões e melhorias. O *Feedback* é a informação passada para o aluno com o propósito de modelar suas percepções acerca de suas atitudes, podendo acontecer após avaliações ou em determinados momentos em que o professor julgue necessário para aquele aluno.

Segundo Zeferino, Domingues e Amaral (2007), a habilidade de dar e receber *Feedback* aprimora os resultados do processo de aprendizagem, uma vez que provém uma base para a aprendizagem (auto direcionada) e para a reflexão crítica. Quando aplicado, o *Feedback* pode se tornar uma ferramenta de motivação, incentivando assim o aluno a rever seus comportamentos e motivando-o a aperfeiçoar suas habilidades, pois uma vez passado de forma positiva, o aluno sente-se estimulado e retorna à sala de aula mais produtivo. Do contrário, esse aluno pode perder a vontade de estar em contato com as aulas e com a nova língua.

Diante disso, é imprescindível que os professores conheçam os tipos de *Feedback* - como o *Feedback* Positivo e o Corretivo - e como eles podem ser aplicados. Essa, porém, não é uma realidade, pois “apesar de sabidamente eficaz, não tem sido

uma estratégia pedagógica utilizada rotineiramente [...] por vezes sendo visto como um ‘ato de coragem’ do professor ou como ‘ato de tortura’ para o aluno” (ZEFERINO; DOMINGUES; AMARAL, 2007, p.178). Por este motivo os próprios professores se sentem desestimulados quanto à aplicação de novas técnicas. Além disso, há professores que desconhecem o termo e, por vezes, aplicam os procedimentos mesmo desconhecendo-os.

Dito isto, é importante destacar que as práticas do *Feedback* nem sempre acontecem de forma oral, pois todas as ações, reações ou falta delas, sejam elas expressões faciais, gestos e até mesmo o silêncio, provocam alterações na aprendizagem do aluno, podendo estimulá-lo ou não. Essas ações fazem parte das técnicas de *Feedback* e, mesmo sem ter a noção, os professores as aplicam constantemente.

Há uma variedade nos tipos de *Feedback* e modelos apresentados na literatura do tema aqui abordado e, possivelmente, essa seja uma das tantas dificuldades em se aplicar essa prática em sala de aula. De acordo com Abre-e-Lima e Alves (2011, p.196) “apesar de estudos apontarem para a importância da qualidade do *Feedback* [...], não há uma indicação específica de quais elementos devem estar presentes na comunicação do tutor com o estudante”. Sendo assim, é preciso levar em consideração as particularidades de cada aluno e ressaltar que nem sempre as mesmas técnicas, linguagem e até mesmo ferramentas usadas em um *Feedback* com determinado estudante irão surtir os efeitos esperados com outro. Assim, além de conhecer as práticas do *Feedback*, o professor tem que ter em mente que cada estudante é único e tem sua individualidade.

Este estudo tem por objetivo tentar formar uma ponte reflexiva entre o uso do *Feedback* e a motivação do aluno em sala de aula. Para tal, tentaremos entender os conceitos de *Feedback* e motivação e apresentaremos alguns tipos e modelos de *Feedback* presentes na literatura do referente conteúdo.

Através de pesquisa bibliográfica, foram levantados dados acerca da teoria sobre o *Feedback*, apontando técnicas de motivação através desta ferramenta pedagógica. Ribas e Fonseca (2008) apresentam o conceito de pesquisa bibliográfica como um estudo abrangente sobre teorias já publicadas em relação ao tema ao qual há a pretensão de aprofundamento teórico, desde publicações avulsas, jornais, livros, pesquisas, revistas, monografias, teses, ou seja, material teórico que já recebeu um tratamento científico adequado e que já foi aceito pela comunidade acadêmica.

Trata-se também de uma pesquisa de cunho qualitativo, visto que tem como objetivo analisar e interpretar aspectos do comportamento humano. Marconi e Lakatos (2010) afirmam que na pesquisa qualitativa não se apresentam regras precisas, hipóteses ou variáveis antecipadas, mas em contrapartida, deve haver uma estruturação, um planejamento minucioso para que o investigador não se perca no contexto geral de sua pesquisa.

O presente trabalho foi dividido em: 1) Fundamentação Teórica, com conceitos e tipologia acerca do *Feedback*; 2) *Feedback* como ferramenta motivacional, tentando apresentar uma ponte reflexiva entre a prática do *Feedback* e a motivação e; 3) Considerações Finais, arrematando a análise da pesquisa e apresentando possíveis conclusões sobre uma aplicação eficiente da prática aqui revisada.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em uma breve retomada sobre as teorias do Behaviorismo e Interacionismo no tópico “Teorias de ensino e o erro: primórdios do *Feedback*”, tentaremos aqui entender como o erro é tratado dentro das teorias citadas e como chegamos às práticas de *Feedback* sob os olhares de Oliveira (1997), Skinner (2000), entre outros. Após essa pequena introdução, será discutido o conceito de *Feedback*, suas tipologias e metodologias, bem como apresentação de modelos propostos por estudiosos da área, tais como Rosa (2003), Abreu-e-Lima e Alves (2011), etc., no item “Entendendo o *Feedback*”.

1.1 TEORIAS DE ENSINO E O ERRO: PRIMÓRDIOS DO *FEEDBACK* DO BEHAVIORISMO AO INTERACIONISMO

É preciso entender, através de alguns enfoques teóricos, como o erro tem sido visto pelos professores através de algumas metodologias de ensino, para que possamos assim, darmos início à discussão acerca do *Feedback*.

O Behaviorismo, conhecido pela Teoria do Estímulo, baseia-se no pressuposto de que a aprendizagem acontece através do condicionamento. Esta teoria clássica parte da crença de que um indivíduo responde a determinado estímulo de maneira particular. Para os Behavioristas, “a aprendizagem da língua é determinada pelo ambiente a que os aprendizes são expostos” (ROSA, 2003, p. 16).

Quando o comportamento do sujeito condizia com as expectativas esperadas, havia uma recompensa, caso contrário, algum tipo de repreensão. Sendo assim a probabilidade do mesmo erro se repetir seria menor. Dentro dessa teoria, é aceito o princípio da necessidade de um reforço positivo imediato para a aprendizagem realmente ocorrer, pois através desse reforço o aluno poderá repensar seu erro e corrigi-lo da maneira mais apropriada.

Essa ideia de repreensão diante dos equívocos dos alunos foi utilizada por bastante tempo, desencorajando dessa maneira, que houvesse erros por parte dos estudantes. Ou seja, os alunos não tinham o “direito” de errar: se errava, era castigado. “No princípio, fisicamente com a palmatória; depois, com práticas de repreensão do tipo: copiar no quadro; ser afastado dos colegas na sala [...]; ainda hoje, moralmente com censuras, desaprovações e críticas” (ROSA, 2003, p.17). Variando de castigos físicos a castigos morais e repreensões, essas atitudes aplicadas pelos professores inibiam os erros dos alunos de maneira a gerar uma desmotivação ou uma construção de relação de medo por parte dos aprendizes.

Apesar de questionável, o Behaviorismo é uma teoria que possui um embasamento real e ainda está presente em diversos contextos do cotidiano. Nos dias atuais, quando determinada resposta ou comportamento não atende às expectativas pré-definidas, um *Feedback* orientador, que poderia desempenhar um papel de guia para atitudes mais produtivas, nem sempre ocorre, mas, sim algum tipo de punição. Na prática ainda observamos tais “punições”, transformando até a própria avaliação escrita como uma “arma” de castigo. Sobre esse pensamento Skinner (2000) traz:

A técnica de controle mais comum da vida moderna é a punição. O padrão é familiar: se alguém não se comporta como você quer, castigue-o, se uma criança tem mau comportamento, espanque-a; se o povo de um país não se comporta bem, bombardee-o. (SKINNER, 2000, p. 179)

Sob outra perspectiva temos a psicologia cognitiva e o construtivismo. Estas teorias fundamentam-se na forma que a mente humana adquire conhecimento, “nelas o aprendiz é visto como um participante ativo no processo de aprendizagem e o valorizam levando em consideração como ele formula seu conhecimento de mundo” (ROSA, 2003, p.18).

O Interacionismo, por sua vez, leva em consideração tanto o *input* como o processamento interno de cada indivíduo, pelos quais o processo de aprendizagem

ocorre. De acordo com essa teoria, o meio em que o indivíduo convive influencia em seu desenvolvimento físico, psicológico, social, linguístico e cultural.

Para Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 1997, p. 56): “é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam”. Em seu pensamento, o autor nos traz a ideia de que o meio em que vivemos tem influência na forma como adquirimos conhecimento. Com isso, podemos entender também que, ao aprendermos coisas novas, os indivíduos participantes desse processo também exercem influência sobre nós. Criando assim, uma forma de *Feedback* de acordo com as experiências vividas.

A criança, desde o nascimento, aprende a explorar o mundo a sua volta e os adultos, por terem mais experiência, são responsáveis por moldar a aprendizagem dela, por diversas vezes esse processo se dá através do uso de recompensa e punição. “É através dessa interação social que descobrimos e fazemos o nosso próprio senso de mundo” (WILLIAMS e BURDEN, 1997 *apud* ROSA, 2003, p.19).

Diante disso, é perceptível a importância do *Feedback* do professor para a aprendizagem do aluno. Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 1997) traz o pensamento de que, quando uma ideia é posta em prática e, por alguma razão, for influenciada por uma segunda pessoa mais capacitada, há uma chance maior de sucesso, visto que haverá uma orientação no processo de aprendizagem. Nesse sentido, o autor definiu o desenvolvimento do aprendizado em três etapas:

- Zona de Desenvolvimento Potencial: capacidade de realização de tarefas com a ajuda de alguém mais capacitado;
- Zona de Desenvolvimento Real: capacidade de realização da tarefa proposta sem apoio de *outrem*;
- Zona de Desenvolvimento Proximal: se confere na distância entre os níveis de desenvolvimentos potencial e real. Aqui, a interferência de outras pessoas tem maior valor.

Desse modo, é possível perceber a influência do meio no processo de aprendizagem, a importância do contato social e como estes fatores influenciam a aquisição de conhecimento do indivíduo. Não desconsiderando a vivência de mundo e os fundamentos que há dentro de cada sujeito, mas ressaltando a interação sociocultural como aspecto fundamental para a reconstrução do que foi desenvolvido dentro de um

grupo social e a transformação desse produto da aprendizagem de acordo com o conhecimento já possuído.

Em uma situação formal de sala de aula de LI, o professor é a referência mais importante para seus alunos, pois “seu *Feedback* é fundamental para a transição de níveis desses estudantes e para eles alcançarem o nível de desenvolvimento real” (ROSA, 2003, p.20).

Perante essas concepções, é notável que a ideia do *Feedback* evoluiu de maneira significativa, tornando-se essencial para um processo de aprendizagem mais eficaz e, conforme os alunos desenvolvem-se, transmutando-se em seres mais confiantes e motivados. No tópico a seguir, partiremos para uma apresentação das teorias sobre *Feedback* e um aprofundamento para melhor entendimento desse conceito.

1.2 ENTENDENDO O *FEEDBACK*

Podemos entender o *Feedback* como um ato de comunicação, uma vez que dependemos dela para interagir em sociedade. De acordo com Bordenave (1982, p.36), as pessoas “ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridos”. Entendendo o *Feedback* como ato de comunicação, o diálogo logo se faz presente e a linguagem é utilizada para efetivá-lo, criando assim uma ponte entre quem fornece o *Feedback* e quem o recebe.

Segundo o dicionário Houaiss (2009 *apud* ABREU-E-LIMA; ALVES, 2011, p. 192), dentre as concepções de “retroalimentação”, que corresponde ao termo *Feedback* em português, é apresentada a que a define como “qualquer processo por intermédio do qual uma ação é controlada pelo conhecimento do efeito de suas respostas”.

Willians (2005) nos traz a seguinte definição:

Feedback é importante para todos nós. É a base de todas as relações interpessoais. É o que determina como as pessoas pensam, como se sentem, como reagem aos outros e, em grande parte, é o que determina como as pessoas encaram suas responsabilidades do dia-a-dia (WILLIANS, 2005, p 19).

Quando transportado para o contexto de sala de aula, o *Feedback* tem papel transformador, quando bem aplicado. Sempre que usado de maneira adequada e levando em consideração a realidade do aluno e seus conhecimentos prévios, é possível transformar essa ferramenta em um objeto de motivação, tanto para os estudantes, bem

como para os professores, uma vez que o *Feedback* também pode ser passado do aluno para o professor.

Como afirmam Zeferino, Domingues e Amaral (2007, p. 177), “na área educacional, *Feedback* refere-se à informação dada ao aluno que descreve e discute seu desempenho em determinada situação ou atividade”. De acordo com Mory (2004), o *Feedback* pode ser caracterizado como qualquer procedimento ou diálogo realizado para informar o aprendiz sobre sua performance em determinada atividade. Podendo também permitir ao aprendiz a comparação entre sua performance atual com a padrão ou esperada pelo professor, assumindo assim, uma postura mais reflexiva sobre seus comportamentos.

Quando bem aplicado e recebido, é capaz de gerar uma conscientização importante para o processo de aprendizagem, pois “ressalta as dissonâncias entre o resultado pretendido e o real, incentivando a mudança; também aponta os comportamentos adequados, motivando o indivíduo a repetir o acerto” (ZEFERINO; DOMINGUES; AMARAL, 2007, p. 177). Se diante da informação fornecida pelo professor, durante o *Feedback*, forem observadas mudanças e melhorias no padrão de comportamento do aluno, é possível afirmar que houve uma melhoria no processo de aprendizagem desse aluno.

É através do *Feedback* que o aluno toma conhecimento de como se portar, interagir, em quais aspectos focar seus esforços e desenvolver maneiras produtivas para atingir seus objetivos. “O *Feedback* contribui com a prática reflexiva, ou capacidade do profissional de rever suas próprias conclusões, raciocínio e decisões” (ZEFERINO; DOMINGUES; AMARAL, 2007, p.177). Junto às orientações do professor, o aluno pode assumir uma postura reflexiva e, com isso, desenvolver a auto avaliação e, junto a ela, a motivação para o aprendizado de uma nova língua.

Para Flores (2009, p.04), “quando o professor não apresenta retorno ao aluno ocorre um sentimento de vazio”. Diante disso, podemos entender que, quando não há algum tipo de *Feedback*, o estudante pode sentir-se desorientado em relação à sua conduta, ao seu aprendizado e em como se portar diante de um possível insucesso no entendimento de algum tópico gramatical ou em como aplicá-lo na linguagem do dia-a-dia, por exemplo. Sobre essa falta de *Feedback*, Abreu-e-Lima e Alves (2011) nos trazem o seguinte pensamento:

Sem *Feedback*, os participantes não têm consciência de qual é o conteúdo específico em que devem investir mais seu tempo ou, ainda, não podem saber o que já conseguem fazer bem feito, para que

possam manter ou repetir o comportamento ou a atitude adotados (ABREU-E-LIMA; ALVES, 2011, p. 192).

Diante da falta de *Feedback*, os estudantes podem criar uma atmosfera de insegurança sobre o que estão aprendendo, resultando em um distanciamento dos objetivos propostos pelo professor. Nas aulas de LI, essa insegurança já se faz presente por vários motivos e, quando não se há uma prática de *Feedback* com certa ou nenhuma frequência, os alunos tendem a se desmotivarem. Vejamos a seguir alguns tipos de *Feedback* apresentados em literaturas referentes ao tema.

1.2.1. Tipos de *Feedback*

Quando falamos e defendemos a prática do *Feedback* é preciso também buscar entender que “dar *Feedback* exige habilidade, compreensão do processo, criação de um ambiente propício e de uma relação de confiança” (ZEFERINO; DOMINGUES; AMARAL, 2007, p. 177). O aluno precisa confiar em seu professor, existe a necessidade de que seja criada uma atmosfera amistosa e amena para que haja uma avaliação, uma observação sobre o comportamento, a produtividade e as atitudes do aluno. Este deve, por sua vez, estar aberto a essa experiência de receber o *Feedback* e fazer uma reflexão sobre si mesmo para que haja uma evolução, uma melhora em seu rendimento.

É necessário que o professor tenha conhecimento dos tipos e de modelos de *Feedback*, para que possa adaptar cada um aos seus alunos. Flores (2009, p. 9), afirma que “ao conhecer a relação entre o *Feedback*, a motivação e a avaliação formativa, além dos tipos de *Feedback*, o professor possui subsídios para a elaboração de *Feedbacks* mais eficientes durante a docência”.

Um *Feedback* formativo auxilia no desenvolvimento do aluno, no seu processo de aprendizagem. “É formativa toda avaliação que auxilia o aluno a aprender e a se desenvolver, ou seja, que colabora para a regulamentação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo” (Perrenoud *apud* HADJI, 2001, p. 20). Dessa forma, é possível entender a prática da prova escrita com uma nota como forma de avaliação como um todo, uma maneira de repressão e até de desmotivação para o aluno.

Shute (2008) faz a sugestão de que o *Feedback* formativo seja caracterizado de duas maneiras: verificação e elaboração. A primeira pode ser entendida como um julgamento simples da resposta dada pelo aluno – certa ou errada –, contrariando a

segunda, na qual o professor sugere dicas e orientações para um melhor desempenho do aluno.

Uma forma mais segura de tornar a avaliação mais formativa é ser capaz de captar as reações dos alunos, seus questionamentos sobre o que é dito pelo professor, seus pedidos de explicação sobre as apreciações e as notas (Barlow *ibidem*, p.110). Para Zeferino, Domingues e Amaral (2007, p.176), “o *Feedback* eficaz deve ser assertivo, respeitoso, descritivo, oportuno e específico”. Para que haja um *Feedback* produtivo, o professor deve respeitar os limites de seus alunos, levar em conta suas realidades e saber qual a oportunidade mais propícia para apresentar seu ponto de vista.

Há uma diversidade de teorias sobre os tipos “ideais” de *Feedback* e suas variadas classificações. No presente trabalho, vamos nos ater a classificação segundo Willians (2005, p.52). Ele nos traz os seguintes tipos de *Feedback*:

- 1) *Feedback* Positivo: tem a função fortalecer um comportamento que se deseja a repetição. Devendo ser usado mesmo quando o aluno já esteja agindo como esperado, o que evitará a falta de motivação.
- 2) *Feedback* Corretivo: tem por principal objetivo modificar determinado comportamento considerado improdutivo. Este é o tipo de *Feedback* mais desafiador, pois deve haver um cuidado para que não se torne um *Feedback* Ofensivo.
- 3) *Feedback* Insignificante: trata-se de um *Feedback* vago que pode acarretar em uma confusão para o aluno em relação ao seu propósito, não provocando reação alguma ou contrária do que o esperado.
- 4) *Feedback* Ofensivo: este tipo de *Feedback* não orienta, não permite aprendizagem através dos erros e não motiva o estudante. Podendo gerar conflitos entre professor e aluno e resultando em desmotivação.

Para que haja um *Feedback* Positivo ou, se necessário, um *Feedback* Corretivo, o professor deve passar informações úteis e a linguagem usada precisa alimentar uma reflexão do aluno, pois “somente assim, a avaliação pronunciada pelo professor poderá, do ponto de vista da comunicação, tornar-se formativa” (HADJI, 2001, p.109).

O comportamento do professor, as atitudes que são tomadas durante suas aulas, sua postura profissional, devem ser levadas em conta para que o *Feedback* seja efetivado. O docente deve ter controle de suas ações e ser capaz de perceber quando elas incentivam bons comportamentos dos alunos, ou quando os leva à desmotivação. É

importante que haja um controle e maior conhecimento por parte do professor de suas próprias ações, é preciso que haja uma prática reflexiva de si mesmo como docente.

As consequências do comportamento de uma pessoa podem ser entendidas com maior clareza pela forma como esta conduta influencia a si e as pessoas. O aluno ficará mais disposto a estudar, participar das atividades [...] se tiver a exata noção do efeito de seu comportamento no seu desempenho e no professor que o acompanha (pelo qual normalmente tem admiração, apreço, afeição). Existem muitas coisas que podemos aprender no que diz respeito a dar um retorno positivo aos outros. É preciso um pouco de prática para conseguir aplicar o *Feedback* de forma poderosa (WILLIANS, 2005, p. 94).

É importante deixar claro que a mudança de comportamento de um indivíduo, um estudante, é um processo lento, podendo variar de acordo com cada personalidade e sua realidade. E é possível que, apesar dos esforços do professor, o comportamento desse aluno não apresente melhoras, tornando-se necessário o uso de outras estratégias.

Independentemente do tipo de *Feedback* utilizado pelo professor, “faz-se relevante que o estudante se sinta ouvido, amparado e motivado a participar das interações e do processo de ensino-aprendizagem” (ABREU-E-LIMA; ALVES, 2011, p. 198). Portanto, o professor deve conhecer seus alunos, saber identificar seus interesses, para poder trabalhar suas dificuldades da forma mais adequada.

Além de entender os tipos de *Feedback* e suas definições, é preciso ter conhecimento de alguns modelos. A seguir, verificaremos dois modelos de *Feedback*, a escada de *Feedback* e o *Feedback* sanduíche.

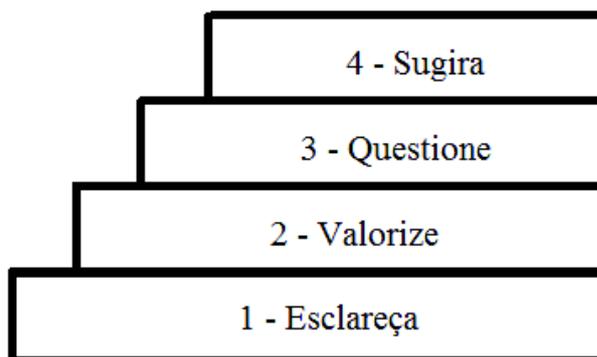
1.2.2. Modelos de *Feedback*

Como vimos no tópico anterior, a escolha de qual *Feedback* utilizar em suas aulas diz respeito ao professor e suas análises em relação aos seus alunos, sua proximidade com eles. É preciso que haja um conhecimento acerca de seus alunos e perceber a personalidade de cada um, entendendo assim suas dificuldades e anseios.

Dentro das teorias sobre esse tema, são dados alguns modelos de *Feedback* para nortear os professores e auxiliá-los na aplicação dessa ferramenta tão eficaz quando bem adaptada à realidade de suas salas de aula. No presente tópico, iremos abordar dois modelos de *Feedback* apresentados por Abreu-e-Lima e Alves (2011): Escada de *Feedback* e o *Feedback* sanduíche.

A escada de *Feedback* baseia-se na reflexão do estudante em relação às suas atitudes e produções, tendo por objetivo construir uma relação de respeito e confiança entre professor e aluno, de modo a fortalecer o apoio construtivo entre ambos. O modelo em questão é apresentado em quatro etapas: 1. Esclarecer, 2. Valorizar, 3. Questionar, 4. Sugerir, conforme podemos observar a Figura 1:

Figura 1: Escada de *Feedback*



Fonte: Abreu-e-Lima e Alves (2011, p.196)

Na primeira etapa, a do esclarecimento, o professor procura estabelecer um diálogo com o aluno a fim de tentar compreender algum ponto que não ficou claro ou parece ausente, antes que se inicie o *Feedback* sobre a atividade que foi realizada, por exemplo. Essa etapa auxilia o professor a entender possíveis dúvidas que surgiram ao seu aluno durante a elaboração da atividade ou ao decorrer de determinada aula, dessa forma o professor tem ferramentas suficientes para elaborar um parecer justo e eficaz. Ao decorrer dessa etapa, o docente pode lançar mão de perguntas que levam o aprendiz a esclarecer as dúvidas que surgiram em sua produção, tais quais: “*Corrija-me se eu estiver enganado...*”, “*Nesse ponto você quis dizer... ou...?*”.

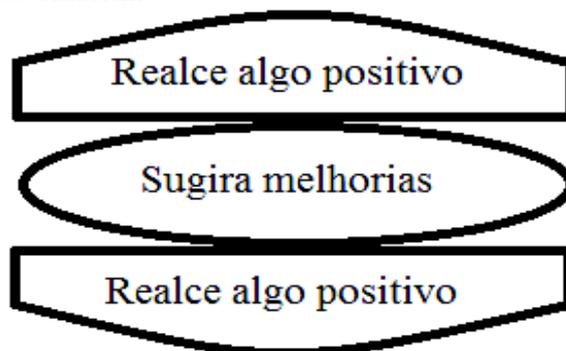
No segundo degrau da escada o professor inicia a fase da valorização. Nesse ponto, é importante que haja o reconhecimento do trabalho do aluno para que, assim, ele sinta sua opinião valorizada. Essa atitude por parte do professor cria uma relação de confiança e compreensão, fazendo com que o estudante se sinta mais acessível ao que será apresentado posteriormente e o auxilia a reconhecer suas próprias capacidades, o que muitas vezes não acontece. Ademais, destacar elementos positivos do aluno e sua produção, “apontar as potencialidades e oferecer um elogio honesto (sem exageros) mostra o quanto o educador está atento ao processo de aprendizagem do estudante” (ABREU-E-LIMA; ALVES, 2011, p. 197). Dessa forma, o estudante se sente mais seguro em relação ao *Feedback* que está recebendo de seu professor.

No terceiro degrau temos a etapa de questionamento, este é o momento em que o professor apresenta questões sobre os pontos nos quais encontrou algum problema ou discordou de alguma ideia exposta pelo aluno. Tais apontamentos não podem ser feitos com acusações ou críticas, mas com considerações honestas e preocupações acerca dos impasses encontrados. Alguns exemplos de frases para guiar o estudante nessa fase são: “*Te convido a refletir sobre...*”, “*Você já parou para pensar sobre este ponto?* ” ou ainda “*Refleti sobre isto e percebi que...*”. Dessa forma, ao apresentar respeito pelo pensamento do aluno, será construída uma relação de confiança entre aluno e professor que se faz necessária para um bom aproveitamento do *Feedback*.

No último degrau da escada encontra-se o ponto da sugestão, aqui o tutor apresenta sugestões ou soluções para melhorias no trabalho do aluno, promovendo uma reflexão no estudante sobre sua produção e forçando-o a ir além do proposto, desafiando, assim, seus próprios limites.

O segundo modelo apresentado por Abreu-e-Lima e Alves (2011) é o chamado *Feedback* sanduíche. “Nesse modelo, o *Feedback* sobre comportamentos inadequados é fornecido entre duas ações ou comportamentos positivos” (ABREU-E-LIMA; ALVES, 2011, p.197). A disposição do modelo citado pode ser observada na Figura 2:

Figura2: *Feedback* sanduíche



Fonte: Abreu-e-Lima e Alves (2011, p.198)

De início, o professor realça um ponto positivo no que o estudante produziu, seja uma citação bem-feita, uma escolha de palavras adequadas ou, em alguns casos, o simples fato do cumprimento da atividade requisitada. Essa primeira etapa pode ser para alguns professores uma fase desafiadora, já que a cultura do erro na escola direciona os olhares dos professores para o que está errado, impreciso. É nesse momento que se encontra o maior desafio para o professor, ressaltar o que o aluno tem de melhor a oferecer, para que ele possa criar uma confiança, antes não existente, para poder aceitar melhor as sugestões que virão no próximo ponto.

Após apontar um ponto positivo, o professor entra na etapa de sugerir melhorias. Aqui o professor pode, além de apresentar diretamente os pontos que precisam ser melhorados, levar o aluno a refletir sobre suas produções e práticas, através de questionamentos que o ajudem a compreender seu trabalho e aonde ele pode melhorar, fazendo assim uma reflexão do seu aprendizado.

A última fase do modelo do *Feedback* sanduíche é o apontamento de algo muito bom no trabalho do aluno. O objetivo dessa etapa é deixar para o aluno uma mensagem de encorajamento ao final do *Feedback*. Vale salientar que “essa mensagem não pode ser confundida com mensagens positivas e generalistas sobre vitória, esforço e sucesso, simplesmente” (ABREU-E-LIMA; ALVES, 2011, p. 198). Esse é um ponto chave quando levamos em conta a motivação do aluno uma vez que, quando bem aplicado, o *Feedback* sanduíche deixa no aluno um incentivo a continuar desenvolvendo seus conhecimentos e a superar seus limites, buscando sempre aprimorar suas habilidades.

A despeito do modelo sugerido, é importante que o professor faça com que o aluno se sinta ouvido e motivado, levando-o, assim, a mais participações nas interações em sala de aula e aprimoramento de suas atividades.

É preciso levar em consideração, além dos modelos e tipos sugeridos, o tempo para se apresentar um *Feedback*. Não é recomendável que o professor demore muito para repassar essas informações, afinal, esse afastamento pode levar a uma desmotivação do aluno por não ter uma resposta sobre seu desenvolvimento. É importante ter em mente que o *Feedback* precisa ser posto em prática em um tempo específico, é necessário que haja o tempo para que o aluno crie um pensamento crítico a respeito de seu trabalho, ao mesmo passo que não deve haver um tempo muito estendido para que não haja a desmotivação em relação ao trabalho apresentado pelo aluno, por exemplo.

Segundo Shute (2008), o *Feedback*, quando imediato, facilita a motivação e a prática do que foi estudado, mas deve ser aplicado cuidadosamente para que não promova um descompromisso com o aprendizado nem limite o desenvolvimento da autonomia. Mas quando o *Feedback* for adiado, pode gerar a participação do aluno no seu processo de aprendizagem, desenvolvendo assim sua autonomia, mas, por outro lado, pode gerar desmotivação pela distância de seu professor.

Contudo, o *Feedback* por si só não garante uma participação maior por parte dos alunos nas salas de aula. Quando o *Feedback* é dado pelo professor de maneira crítica

ou controladora, mesmo que a intenção seja de aprimorar a performance do aluno, este tende a se desmotivar e declinar em sua produtividade.

Outra forma de obter resultados negativos é quando os docentes dão seu *Feedback* publicamente, isto é, diante de toda turma, essa atitude abre espaço para que haja comparação entre os alunos, o que nem sempre é visto com bons olhos por eles. Para Shute (2008), quando o *Feedback* produz resultados negativos, este não deve ser considerado um *Feedback* formativo, visto que este pode levar à desmotivação. Em casos como esse, o professor deve rever suas atitudes, sua linguagem e estilo usados em seu *Feedback*.

Como já dito ao decorrer deste trabalho, o *Feedback*, quando bem trabalhado em sala de aula e adequado a cada aluno, pode se tornar uma ferramenta motivadora relevante e eficiente.

Ao entendermos melhor os conceitos acerca do *Feedback*, refletiremos na seção a seguir sobre como podemos criar uma ponte entre o uso dessa ferramenta em sala de aula e a motivação dos alunos. Para isso, partiremos dos modelos e tipos de *Feedback* apresentados no decorrer do presente trabalho, bem como considerações acerca do conceito de motivação, como ela é apresentada e dividida por alguns estudiosos, tais como Harmer (1985) e Bock (2008).

2. FEEDBACK COMO FERRAMENTA MOTIVACIONAL

Para entender como podemos usar o *Feedback* como ferramenta motivacional com os alunos em sala de aula, é preciso entender o conceito de motivação e como ela é vista e entendida na literatura da área.

Na literatura, a motivação é apresentada de várias maneiras, mas de uma forma geral, todos os conceitos levam à conclusão de que a motivação é uma força motriz no processo de ensino-aprendizagem e que, sem ela, as chances de insucesso são maiores. Dentro das definições de motivação, encontramos a de Bzuneck (2009, p.09), que afirma que “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso”. Podemos entender, dessa forma, que a motivação está dentro dos fatores fundamentais para o processo de aprendizagem, visto que é ela que leva o aluno a buscar o conhecimento dentro da sala de aula.

Sobre o conceito de motivação, Dörnyei (2001, p.8) afirma que:

A motivação envolve a escolha de uma ação particular, a persistência nessa escolha e o esforço subsequente nessa escolha. Em outras palavras, a motivação é responsável por: o porquê das pessoas decidirem fazer alguma coisa; quanto tempo elas estão desejosas de sustentar ou dar continuidade à atividade e como lidarão com as dificuldades que encontrarão para sustentar ou continuar a tentar realizar a atividade.

A motivação está ligada às necessidades de um indivíduo, visto que, quando há a falta de algo, esse indivíduo é levado a buscar uma resposta, uma saída para sua necessidade. É assim na sala de aula, quando o aluno percebe suas carências, ele busca supri-las, surgindo, assim, motivação para melhorar sua performance, aumentando, dessa maneira, suas expectativas. Dentro desse ponto de vista, podemos entender que o *Feedback* formativo pode agir na função de apresentar aos alunos suas necessidades, de fazer com que eles adotem uma postura reflexiva sobre suas ações ou produções, motivando-os, dessa forma, para que procurem soluções para seus obstáculos.

De acordo com Bock (2008), Harmer (1985), entre outros autores, a motivação pode ser classificada entre: intrínseca e extrínseca. Sendo a motivação intrínseca “inerente ao objeto da aprendizagem, à matéria a ser aprendida [...] não dependendo de elementos externos para atuar na aprendizagem. Derivando-se da satisfação inerente à própria atividade, está sempre presente e é eficiente” (CAMPOS, 2010, p.117). Logo, o indivíduo enfrenta desafios pela satisfação pessoal, pela aprendizagem adquirida. Os alunos que possuem motivação intrínseca tendem a fazer da aprendizagem uma fonte de prazer, tornando-se, muitas vezes, autônomos em seu processo de aprendizagem.

Já a motivação extrínseca é caracterizada pela aprendizagem como busca por objetivos, para alcançar recompensas ou evitar algum castigo. Essa motivação origina-se fora do indivíduo, seja por uma chance maior de obter um emprego, como é o caso da motivação de muitos estudantes de LI, ou para agradar os pais, por exemplo. No contexto escolar, temos como motivação extrínseca a obtenção de boas notas, bem como elogios de colegas e professores, que podem ser transmitidos através de *Feedbacks*.

Apesar da distinção que encontramos nas literaturas, é perceptível que ambos os tipos de motivação são importantes no processo de aprendizagem do aluno, visto que beneficiam seu desenvolvimento.

Entendendo que a motivação está sujeita a alterações influenciadas por diversos fatores, é preciso perceber como a sala de aula, seu ambiente e os indivíduos dentro dela (professor e alunos), influenciam no processo de motivação para a aprendizagem. Além

dos aspectos físicos da sala, que se espera que traga bem-estar e conforto para quem a utiliza, temos a relação aluno-professor, que se torna imprescindível para melhor compreensão da motivação (ou falta dela) em sala de aula.

Para Harmer (1985), o professor tem papel importante no processo de aprendizagem e, por conseguinte, na motivação do aluno. Cabe ao professor motivar seus aprendizes, não medir esforços para melhor entendê-los e perceber suas dificuldades para, dessa maneira, trabalhá-las e montar suas aulas de acordo com as expectativas e necessidades de seus pupilos, conseguindo assim resultados satisfatórios.

Dentro dessa perspectiva, podemos entender como um *Feedback* formativo e positivo pode contribuir para a motivação dos estudantes, uma vez que, ao reforçar atitudes positivas que o aluno já apresenta, o mesmo sente que está no caminho certo e tende a buscar a continuidade de seus trabalhos. Por outro lado, quando há a necessidade de um *Feedback* Corretivo, o professor deve ser capaz de sugerir possíveis melhorias ao seu aluno de forma que não o deixe constrangido, mas o motive a obter melhorias em seu aprendizado. Para tanto, como já reforçado no presente artigo, o professor deve criar uma relação respeitosa e produtiva com seus alunos, para assim compreender melhor as limitações e desejos entre ambas as partes.

Como vimos na seção 1.2.2, “Modelos de *Feedback*”, existem algumas sugestões de modelos de *Feedback* que podem auxiliar o professor durante a aplicação da referida ferramenta. Observamos dois modelos sugeridos por Abreu-e-Lima e Alves (2011), a Escada de *Feedback* (vide Figura 1) e o *Feedback* sanduíche (vide Figura 2). No primeiro modelo, composto por quatro etapas (esclarecer, valorizar, questionar e sugerir), o professor tem a chance de procurar entender possíveis problemas na produção do seu aluno através das ideias do mesmo, questionando e esclarecendo dúvidas que surgiram durante o momento de correção. Com isso, o aluno sente que sua opinião está sendo valorizada, percebe que o professor está tentando achar um caminho junto a ele para possíveis melhorias.

No segundo modelo, o *Feedback* sanduíche, observamos a sugestão de melhorias feita pelo professor entre dois realces de pontos positivos no trabalho desenvolvido pelo aluno. Como dito anteriormente, esse é um modelo desafiador diante da cultura do erro imposta pelas escolas. Ao perceber que, logo no início da conversa, o professor está apontando pontos positivos em seu trabalho, o aluno sente-se motivado, ele percebe que em sua atividade houveram pontos positivos e que, se necessário alguma melhoria, esta é possível junto ao seu professor. Com isso, ele se torna mais

aberto a receber as sugestões e, por fim, quando o professor aponta outro ponto positivo, juntamente com alguma mensagem motivadora (a qual deve ser sincera), o aluno tende a buscar as melhorias sugeridas em suas atitudes e produções.

Segundo Campos (2010, p.109), “a compreensão e uso adequado das técnicas motivadoras [...] resultarão em interesse, concentração da atenção, atividade produtiva e atividade eficiente de uma classe”. Como vimos, para a aplicação de um *Feedback* formativo eficaz, o professor deve entender a realidade de seus alunos e compreender suas dificuldades. Quando há o uso inadequado dessas ferramentas, no nosso caso, do *Feedback*, essas técnicas podem trazer danos ao processo de aprendizagem.

É possível perceber que a relação aluno-professor é de extrema importância quando diz respeito à motivação em sala de aula e em relação à aplicação do *Feedback*. Para um bom desenvolvimento da motivação do aluno, o professor deve criar uma atmosfera de empatia e flexibilidade, bem como ter domínio de sala, de conteúdo, passando, assim, confiança aos seus alunos (FREITAS, 2011). Dessa forma, entendemos o papel do professor como peça fundamental na motivação e no estímulo do aluno em sala de aula.

Dentro dessa perspectiva da ênfase do papel do professor na construção da motivação de seus alunos, entendemos que a influência direta exercida pelo docente no aluno através do *Feedback* incentiva e promove condições para que o aluno conquiste sua autonomia no processo de aprendizagem e se torne capaz de perceber suas dificuldades. Dessa forma, podemos entender que o processo de motivação é aprimorado a longo prazo, através de estratégias e diálogos entre alunos e professor.

Assim, chegamos à conclusão de que, dentro dessa atmosfera de cumplicidade entre ambas as partes, o professor mostra-se aos alunos um ser confiável, empático e flexível, fazendo com que seus alunos se sintam seguros para expor suas incertezas e objetivos. Com isso, o professor entenderá as necessidades de seus alunos e, conseqüentemente, aplicará de maneira formativa e positiva um *Feedback* que atenda a cada aluno a fim de motivá-los e desenvolver suas habilidades nas aulas de LI.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades enfrentadas diariamente pelos professores de LI em suas salas de aula, como aqui abordadas, por causa da desmotivação durante as aulas, ainda há uma busca por métodos ou ferramentas para abrandar esse quadro nas escolas. Para

Williams & Burden (1997), o professor tem como papel a motivação de seus alunos e uma das maneiras para tal tarefa é aplicando o *Feedback*, afinal, se o *Feedback* aplicado exercer uma influência positiva para a aprendizagem, esses alunos vão se sentir estimulados e com vontade de aprender mais.

Para que haja um *Feedback* formativo e positivo é preciso que o professor compreenda e perceba as limitações de seus alunos, dessa forma, ele compreenderá a melhor forma de aplicar o *Feedback* para cada indivíduo e entenderá de que maneira poderá motivar seus alunos. Além disso, o professor deve ter cuidado especial com a linguagem utilizada, que deve ser amigável e respeitosa, bem como o tom, organização das ideias apresentadas ao aluno, o contexto em que será apresentado o *Feedback* e o conteúdo presente no mesmo.

Todos esses elementos apresentados são fundamentais e requerem organização pessoal por parte do professor, bem como estratégias e compromisso com o processo de aprendizagem dos estudantes. Mas é importante que o professor tenha em mente que um *Feedback* também pode acontecer de forma não-verbal, através de ações e/ou expressões utilizadas pelo próprio professor durante atividades em sala de aula. Por isso há a necessidade de se conhecer e entender os tipos e modelos de *Feedback*, para que o docente possa reconhecê-los e aplicá-los de maneira adequada a cada turma ou aluno.

Foram apresentados no presente trabalho, alguns tipos e modelos de *Feedback* expostos na literatura do tema proposto e como essa ferramenta pode ser utilizada para motivação dos alunos nas aulas de LI. É importante deixar claro que, para melhor desenvolvimento das aulas e, conseqüentemente, maior motivação dos alunos, o professor deve criar uma atmosfera de respeito e empatia com seus alunos, para que, assim, ele possa entender as dificuldades enfrentadas por cada um de seus pupilos na aquisição de conhecimento da LE.

Assim como o *Feedback*, seus tipos e modelos, foi apresentada também a noção de motivação e como alguns autores a dividem entre intrínseca e extrínseca e como esses dois tipos de motivação são importantes para o aluno. A motivação intrínseca vem da vontade que o aluno tem de aprender, sua motivação pessoal, seus próprios objetivos, e a extrínseca está ligada à motivação que a influência do meio, das pessoas, exerce sobre ele, e é aqui que entra o *Feedback*, já que parte do professor.

Desse modo, é possível entender como ocorre a influência do professor sobre o aluno e como um *Feedback* inapropriado pode prejudicar o estudante, visto que pode acarretar em uma desmotivação. Quando aplicado de uma maneira equivocada, o

Feedback se torna negativo e, em algumas ocasiões, pode tornar-se ofensivo, gerando assim conflitos e mal-entendidos entre professor e aluno.

O presente artigo buscou tentar criar uma ponte reflexiva entre o uso do *Feedback* e a motivação em aulas de LI, bem como apresentar os conceitos de *Feedback* e motivação, bem como alguns tipos e modelos de *Feedback* presentes na literatura do tema, atingindo, assim, os objetivos propostos. Sendo assim, uma pesquisa útil a professores em formação, bem como a professores que buscam entender como a prática do *Feedback* se dá e como aplica-las de forma efetiva em suas aulas.

Entendemos assim que, quando se propõe a prática do *Feedback*, há também a ideia de melhor conhecimento e compreensão dos alunos por parte do professor. É preciso que o docente se disponha a perceber e entender seu estudante para que, assim, possa ajudá-lo em suas dificuldades e, através de orientação, motive-o para que haja um processo de aprendizagem eficaz e com bons resultados.

ABSTRACT

THE FEEDBACK PRACTICE IN ENGLISH CLASSES: A MOTIVATION TOOL

Ruth Dantas de Medeiros

Bearing in mind the difficulties faced by foreign language teachers in relation to students' motivation in the teaching-learning process, this paper aims to present the concept of Feedback, in the views of some theorists like Willians (2005), Mory (2004), Zeferino, Domingues e Amaral (2007), among others, such as some types and models present in the literature on this subject. We understand, then, that the practice and ability to provide Feedback can improve the results of the learning process, since it encourages the exercise of reflection by the students about their behavior and production. Furthermore, we intend to create a reflective bridge between the practice of Feedback and students' motivation in the foreign language classes, especially English classes. For this, we must also understand the notion of motivation and how it is divided, for it, we reflect on the concepts of Bock (2008), Harmer (1985), and others. Through a bibliographical research, with a qualitative nature, whereas it comes from a study on human behavior, we concluded that the Feedback, when applied appropriately to the students' reality, could be turned into an effective motivational tool.

Keywords: Feedback; Motivation; English; Motivational tool.

REFERÊNCIAS

- ABREU-E-LIMA, Denise Martins de; ALVES, Mario Nunes. **O Feedback sua importância no processo de tutoria a distância.** *Pro-Posições*, Campinas. maio/ago. 2011, vol.22, n.2, pp.189-205.
- BÖCK, Vivien Rose. **Motivação para Aprender Motivação para Ensinar.** Reencantando a Escola. Porto Alegre: Cape, 2008.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação.** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BZUNECK, José Aloyseo. **A Motivação do Aluno:** Aspectos Introdutórios. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (orgs). *A Motivação do Aluno.* Contribuições da Psicologia Contemporânea. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.9-36.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem.** 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- DÖRNYEI, Z. **Motivational strategies in the language classroom.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- ENCARTA. **Dicionário.** Disponível em: <http://encarta.msn.com/encnet/features/dictionary/DictionaryResults.aspx?refid=1861610851>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2016.
- FLORES, Angelita Marçal. **O Feedback como recurso para a motivação e avaliação da aprendizagem na educação a distância.** In: Congresso Internacional De Educação a Distância, 15. Fortaleza, CE. Anais Eletrônicos... Fortaleza CIAED, 2009. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1552009182855.pdf>
- FREITAS, Roberta Andrade. **Motivação na aprendizagem de Língua Inglesa:** estudo de caso na zona rural de Cabaceiras/PB. *Revista Fronteira Digital.* 2011, n 4, Ano II, p. 57-82.
- HADJI, C. **Avaliação desmistificada.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- HARMER, Jeremy. **Why do the people learn languages?** In: _____ *The Practice of English Language Teaching.* New York: Longman, 1985, p.1-9.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica.** 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- MORY, E. H. **Feedback research review.** In: JONASSEM, D. (Comp.). Handbook of research on educational communications and technology. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2004. p. 745-783.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PERIN, J. O. R. **Ensino/aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas**: o real e o ideal. In: GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (Orgs.). *Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública*. Pelotas: EDUCAT, 2005. p.143-157.

RIBAS, Cíntia Cargin Cavalheiro; FONSECA, Regina Célia da. **Manual de Metodologia**: OPET; Curitiba, 2008. Disponível em: http://www.opet.com.br/biblioteca/PDF's/MANUAL_DE_MET_Jun_2011.pdf. Acesso em: 01 maio 2016.

ROSA, Sabrina Hax Duro. **O Feedback oral do professor de Língua Inglesa na produção oral do aluno**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2003.

SHUTE, V. J. **Focus on formative Feedback**. *Review of Educational Research*, Princeton, v. 1, n. 78, p. 153-189, 2008.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALKER, S. Uma visão geral do ensino de inglês no Brasil. In: STEVENS, C. T.; CUNHA, M. J. C. (Orgs.). **Caminhos e colheitas no ensino de inglês no Brasil: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Editora da UnB, 2003. p.35-52.

WILLIAMS, R. L. **Preciso saber se estou indo bem**: uma história sobre a importância de dar e receber *Feedback*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ZEFERINO, Angélica Maria Bicudo; DOMINGUES, Rosângela Curvo Leite; AMARAL, Eliana. **Feedback como estratégia de aprendizado no ensino médico**. *Rev. bras. educ. med.* 2007, vol.31, n.2, pp.176-179.